

**IV Simpósio de História do Maranhão  
Oitocentista: Escravidão e Diáspora  
Africana no século XIX**

09 a 12 de junho de 2015

Local: Universidade Estadual do Maranhão - UEMA  
Prédio do Curso de História, Praia Grande, São Luís - Ma.

---

**MÃE SUSANA:** a voz do discurso antiescravista de Maria Firmina dos Reis no romance *Úrsula*

Melissa Rosa Teixeira Mendes\*

O historiador, em seu ofício, faz uso de documentos, hoje variados, que podem, pelo olhar crítico do profissional, transformarem-se em indícios para análise do passado que se pretende compreender em suas pesquisas. Esses documentos são “transformados em fontes pelo olhar do pesquisador” (PINSKY; DE LUCA, 2009, p. 7). Durante um longo tempo, apenas as fontes entendidas como oficiais (testamentos, inventários, documentos produzidos pelo governo, por seus poderes e órgãos).

A partir da década de 1920, a *Escola dos Annales* contribuiu para um alargamento no conceito de fonte histórica, “ao determinar que a busca do historiador seria guiada por tudo que é humano, Marc Bloch demonstra que, ao mesmo tempo em que se amplia o campo do historiador, amplia-se, necessariamente, a tipologia da fonte” (KARNAL; TATSCH, 2009, p. 9).

Já o uso de textos literários enquanto fontes para a História é relativamente recente, quando comparado com a utilização de outras fontes, como as oficiais. Ampliou-se pós *Escola dos Annales* e a partir da década de 1970, após a crise das Ciências Sociais e Humanas. Durante algum tempo, houve uma crítica forte ao uso da Literatura como indício para a pesquisa histórica, pois, *grosso modo*, Literatura é ficção. Porém, mesmo como ficção, a narrativa literária é um discurso sobre e a partir das representações que são dadas a ler como o real.

*Um homem se propõe a tarefa de esboçar o mundo. Ao longo dos anos, povoa um espaço com imagens de províncias, de reinos, de montanhas, de baías, de naves, de ilhas, de peixes, de habitações, de instrumentos, de astros, de cavalos, de pessoas. Pouco antes de morrer, descobre que esse paciente labirinto de linhas traça a imagem de seu rosto (BORGES, 2008, p. 102).*

A Literatura é, então, uma representação sobre o real e nela podemos perceber as influências que o autor recebeu a partir de seu tempo, espaço e condição social. Além disso, como representação, é possível notarmos aspectos da sociedade na qual o escritor está inserido. Um romance não nos conta somente uma história fictícia. Ele nos mostra, basta nos

debruçarmos historicamente sobre ele, a visão de mundo do narrador, preconceitos de época, papéis de gênero, tradições, enfim, a cultura de uma sociedade num dado momento, no instante em que o texto foi tecido.

Dessa forma, é possível que a partir da escrita de Maria Firmina dos Reis, autora maranhense que começou a publicar seus escritos por volta da segunda metade do Oitocentos, possamos notar aspectos da sociedade em que a escritora estava inserida. Neste artigo, destacamos a questão da visão peculiar da autora a respeito da escravidão do negro africano e do abolicionismo, movimento que ganha força justamente no período em que Firmina passou a contribuir na imprensa local com seus textos, os mais variados. Aqui nos dedicamos a analisar o discurso antiescravista de Maria Firmina, a partir da personagem Mãe Susana, de seu único romance publicado, *Úrsula*.<sup>1</sup>

Maria Firmina dos Reis nasceu a onze de outubro de 1825 na cidade de São Luís, capital da província do Maranhão. Seus pais chamavam-se João Pedro Esteves, escravo africano e Leonor Felipa dos Reis, portuguesa; segundo consta da biografia organizada por Nascimento de Moraes Filho, era *bastarda*, seus pais não foram casados.

Cinco anos depois de seu nascimento, muda-se, com sua família, para a Vila de São José de Guimarães, município de Viamão, ainda na província do Maranhão. Vive em Guimarães até o dia de sua morte, a onze de novembro de 1917, contando então com 92 anos.

Antes de iniciar suas atividades como escritora, Maria Firmina “disputa com duas concorrentes a vaga da cadeira de primeiras letras a cidade de Guimarães, e é a única aprovada” (MORAES FILHO, 1975, s.p.). Torna-se, então, professora de primeiras letras no ensino público oficial na cidade de Guimarães. Já em 1880, funda, na mesma cidade, uma aula mista e gratuita, ou seja, uma escola para alunos dos dois sexos, segundo Telles (2010, p. 412):

*Um ano antes de se aposentar, com trinta e quatro anos de magistério público oficial, Maria Firmina dos Reis fundou, a poucos quilômetros de Guimarães, em Maçaricó, uma aula mista e gratuita para alunos que não pudesse pagar. Estava então com 54 anos. Toda manhã, subia em um carro de bois, para dirigir-se a um barracão de propriedade de um senhor de engenho, onde lecionava para as filhas do proprietário. Levava consigo alguns alunos, outros se juntavam. Um experimento ousado para a época.*

Não era comum à época que meninos e meninas estudassem juntos. Segundo Raimundo de Meneses (1978, p. 570), essa escola mista “escandalizou os círculos locais, em Maçaricó [...] e por isso mesmo foi a professora obrigada a suspendê-la depois de dois anos e meio”. A escola

\* Mestra em História Social pela Universidade Federal do Maranhão.

<sup>1</sup> Maria Firmina dos Reis contribui com a imprensa local escrevendo, além do romance citado, contos, charadas, poesias e, inclusive, o Hino de Libertação dos Escravos.

mantém suas atividades por dois anos, porém, mesmo após seu fechamento, Maria Firmina continua ministrando aulas, eventualmente, para crianças da região. Muito embora Raimundo de Meneses afirme em seu *Dicionário Literário Brasileiro* que a escola mista de Maria Firmina foi fechada por haver sido motivo de escândalo na época, não temos como afirmar qual o real motivo do encerramento de suas atividades, uma vez que, segundo Sacramento Blake (1900, p. 483), em seu *Dicionário Bibliográfico Brasileiro*, pelo fato de que “o ensino era gratuito para quase todos os alunos, e por isso foi a professora obrigada a suspendê-la depois de dous anos e meio”.

Segundo Moraes Filho (1975, s.p.), a escola criada por Maria Firmina foi “uma revolução social pela educação e uma revolução educacional pelo ensino, o seu pioneirismo subversivo de 1880”. Para Muzart (2000, p. 265) “o fato de ter fundado a primeira escola mista do país mostra as ideias avançadas de Maria Firmina para a época”, pois subvertia “a ordem educacional vigente, ao quebrar o cânone moral oficializado, que segregava os sexos em aulas separadas” (MORAES FILHO, 1975, s.p.).

Subversiva ou avançada, cabe compreender aqui Maria Firmina como uma mulher que viveu seu tempo, interpretou-o, percebendo as necessidades que havia em seu universo social. Pensava, talvez, pois, em buscar para os demais – seus alunos e alunas – uma realidade melhor do que aquela em que viveu. Realidade essa em que não haveria uma diferença ou um motivo para a separação de meninos e meninas nas escolas de primeiras letras, instância inicial do aprendizado social, ensinando-os a conviver juntos, nas igualdades e diferenças, desde cedo.

Muito antes de fundar a escola mista, é publicado, em 1859, o romance *Úrsula*, que, logo após, alcança propagandas positivas em diversos jornais locais.

#### Jornal do comércio – Noticiário

**OBRA NOVA** – Com o título de *Úrsula* publicou a Sra. Maria Firmina dos Reis um romance nitidamente impresso que se acha à venda na tipografia do Progresso. Convidamos aos nossos leitores a apreciarem essa obra original maranhense, que, conquanto não seja perfeita, revela muito talento na autora, e mostra que se não lhe faltar animação poderá produzir trabalhos de maior mérito. O estilo fácil e agradável, a sustentação do enredo e o desfecho natural e impressionador põem patentes neste belo ensaio dotes que devem ser cuidadosamente cultivados. É pena que o acanhamento mui desculpável da novela escrita não desse todo o desenvolvimento a algumas cenas tocantes, como as da escravidão, que tanto pecam pelo modo abreviado com que são escritas. A não desanamar a autora na carreira que tão brilhantemente ensaiou, poderá para o futuro, dar-nos belos volumes – 4 de agosto de 1860. (apud MORAES FILHO, 1975, s.p.).

Após a publicação do romance, Maria Firmina passou a contribuir com a imprensa local. Publicou poesias em prosa e verso, charadas/enigmas, além de um conto – *A escrava* – e outro romance, *Gupeva*. Esse último “não foi enfeixado em livro, mas teve 3 (três) edições em

folhetim num muito curto espaço de tempo – o que atesta eloquentemente o grande êxito popular desta original criação literária” (MORAES FILHO, 1975, s.p.). Escreveu também alguns hinos e cantos. Segundo Mendes (2006, p. 19), Maria Firmina foi “autodidata, sua instrução fez-se através de muitas leituras – lia e escrevia francês fluentemente”.

Para diversos críticos, a escritora maranhense é considerada a primeira romancista brasileira. Seu romance de 1859 é de autoria própria, ao contrário do romance de Nísia Floresta, *Direitos das mulheres e injustiça dos homens* (1832), considerado uma livre tradução do livro *Vindications of the rights of woman* (Reivindicações dos direitos da mulher, 1792) da escritora inglesa Mary Wollstonecraft.<sup>2</sup>

Já Teresa Margarida da Silva e Orta, que publicou o romance *Aventuras de Diófanes* (1752), também não poderia ser considerada a primeira brasileira a publicar um romance, pois segundo alguns críticos<sup>3</sup> a autora apenas nasceu no Brasil, sua formação foi completamente europeia e seu romance não exerceu influência na literatura brasileira, não dizendo respeito ao Brasil.

O crítico e escritor maranhense, Josué Montello (1917-2006), por exemplo, escreveu um artigo, publicado no Jornal do Brasil em 1975, intitulado *A primeira romancista brasileira*,<sup>4</sup> contribuindo para, além de apresentar a autora para o público leitor do jornal, despertar um pouco de interesse da mesma, que ainda hoje permanece desconhecida de muitos.

Maria Firmina dos Reis permaneceu no anonimato durante muitas décadas,

*até que o romance Úrsula, numa edição de fac-símile, foi descoberto num sebo carioca pelo bibliófilo Horácio de Almeida, em 1962, que o doou ao Governo do Maranhão, e desde então vieram três edições do livro (1975, 1988 e 2004); outros trabalhos de Firmina foram encontrados por José Nascimento de Moraes Filho, na Biblioteca Pública Benedito Leite, em São Luís, 1973 (CARVALHO, 2006, p. 62).*

O romance *Úrsula*, de Maria Firmina dos Reis, foi publicado em 1859. Seu enredo centra-se no triângulo amoroso entre Tancredo, Úrsula e Fernando. O jovem Tancredo, logo após sofrer um acidente, ao cair de seu cavalo em meio à mata, é recolhido pelo escravo Túlio. Esse, por sua vez, leva-o para ser tratado em casa próxima, neste caso, o casebre onde a jovem Úrsula (personagem central da trama e homônima do romance) vive com sua mãe enferma, Luísa B... O rapaz, depois de muita febre e delírios, recupera-se e apaixona-se por Úrsula, que,

<sup>2</sup> Segundo Constância Lima Duarte, principal estudiosa de Nísia Floresta, o que a autora teria feito foi uma livre adaptação do texto de Mary Wollstonecraft para a realidade brasileira.

<sup>3</sup> Como Heron de Alencar.

<sup>4</sup> MONTELLO, Josué. *A primeira romancista brasileira*, Jornal do Brasil, 11 de nov. de 1975. Republished em Madrid, Espanha, com o título *La primera novelista brasileña*, Revista Cultural Brasileña, num. 41, junho de 1976.

por dedicar tanto zelo nos cuidados com seu paciente, acaba se apaixonando por ele na mesma medida.

Tancredo tem, em seu passado recente, uma desilusão amorosa. Havia amado Adelaide, prima de sua mãe. Porém, Adelaide traiu o amor de Tancredo e, após a morte da mãe do jovem, a moça casa-se com o pai dele. Desiludido, Tancredo enxerga em Úrsula uma nova possibilidade de felicidade. A mãe de Úrsula abençoa o amor do jovem casal.

Porém, em uma tarde, enquanto Úrsula passeia sozinha pela mata, tentando acalmar seu coração da saudade que sente de Tancredo – o jovem havia viajado para resolver assuntos pendentes e retornaria em duas semanas para casarem-se – a moça é surpreendida por um homem. Esse homem, pouco depois, ela descobre ser seu tio Fernando P..., irmão de sua mãe. Fernando apaixona-se violentamente por Úrsula e tenta forçá-la a casar-se com ele. Fernando havia sido o mandante do assassinato do pai de Úrsula, pois nutria um ciúme doentio por sua irmã, Luísa B... Nesse ínterim, a mãe de Úrsula, Luísa B., morre, tendo em vista que sua doença já se agravara.

Tancredo retorna, os jovens casam-se às pressas em um convento e, com ódio, Fernando mata Tancredo em seguida à cerimônia de casamento. Úrsula enlouquece e morre pouco tempo depois. Fernando arrepende-se e entra para a vida monástica.

No romance há três personagens negros escravizados que aparecem como mais intensidade na trama: o jovem Túlio, mãe Susana e Antero. A crítica ao sistema escravocrata e aos senhores grandes proprietários de terras e de escravos, é feita, no romance *Úrsula*, a partir da voz dessas três personagens, além da personagem Tancredo, que inicialmente concede a liberdade a Túlio e trata-o como um amigo, um igual.<sup>5</sup>

À “preta Susana” é dedicado todo o capítulo nove, onde a personagem narra a Túlio sua vida antes de ser tornada escrava, na África, descrevendo sua captura, a viagem a bordo do navio negreiro e o momento em que foi comprada por um rico proprietário de grandes extensões de terra. Mãe Susana, ao fim de seu relato, comenta que “é horrível lembrar que criaturas humanas tratem a seus semelhantes assim e que não lhes doa a consciência de levá-los à sepultura asfixiados e famintos!” (REIS, 2004, p. 117).

A personagem negra Susana nos é apresentada na trama, a partir da descrição da narradora, que nos conta: “Susana, chama-se ela; trajava uma saia de grosseiro tecido de algodão preto, cuja orla chegava-lhe ao meio das pernas magras, e descarnadas como todo seu corpo: na cabeça tinha cingido um lenço encarnado e amarelo, que mal lhe ocultava as

alvíssimas cãs” (REIS, 2004, p. 112). Assim nos é apresentada, no capítulo IX, a personagem preta Susana, uma escravizada. Foi Susana quem cuidou de Túlio quando o rapaz foi separado de sua mãe biológica, e para o rapaz, ela é a *mãe Susana*. Além disso, a personagem possui fortes valores, pois é “boa e compassiva” (REIS, 2004, p. 111). Susana é quem nos conta sobre a escravidão, através de suas lembranças, quando compara a recém-adquirida liberdade de Túlio (pois Tancredo comprou sua alforria), com a liberdade que possuía em sua terra africana:

*Sim, para que estas lágrimas?!... Dizes bem! Elas são inúteis, meu Deus; mas é um tributo de saudade, que não posso deixar de render a tudo quanto me foi caro! Liberdade! Liberdade... ah! Eu a gozei na minha mocidade! – continuou Susana com amargura – Túlio, meu filho, ninguém a gozou mais ampla, não houve mulher alguma mais ditosa do que eu. Tranquila no seio da felicidade, via despontar o sol rutilante e ardente do meu país, e louca de prazer nessa hora matinal, em que tudo aí respira amor, eu corria às descarnadas e arenosas praias, e aí com minhas jovens companheiras, no coração, divagávamos em busca das mil conchinhas, que bordam as brancas areias daquelas vastas praias. Ah! Meu filho! Mais tarde deram-me em matrimônio a um homem, que amei como a luz dos meus olhos, e como penhor dessa união veio uma filha querida, em quem me revia, em quem tinha depositado todo o amor da minha alma: – uma filha, que era a minha vida, as minhas ambições, a minha suprema ventura, veio selar nossa tão santa união. E esse país de minhas afeições, e esse esposo querido, essa filha tão extremamente amada, ah Túlio! Tudo me obrigaram os bárbaros a deixar! Oh! Tudo, tudo até a própria liberdade! (REIS, 2004, p. 115, grifos nossos).*

A personagem negra Susana possui três características: ela é mulher, e nessa condição possuiu uma personalidade sensível; ela é mãe, tanto da filha que foi obrigada a deixar em África e da qual sente saudades, quanto de Túlio e, por fim, ela é escravizada, por isso não pode ser completamente livre em uma terra que não sente ser a sua.

Sendo mulher e escravizada, para os padrões oitocentistas, Susana é duas vezes submissa. Como esposa, inclusive, manteve-se fiel ao marido deixado em sua terra natal. Susana não contrai outro matrimônio, respeitando a união consagrada, mesmo que distante e mesmo sem saber como seu esposo viveu após sua captura. Além disso, Susana é mãe, teve uma filha que, segundo ela, era sua vida, suas ambições, sua maior ventura representando aqui a visão de que a mulher “encontra a sua mais sublime realização na oferenda do espetáculo da maternidade” (MICHAUD, 1991, p. 146).

Porém, a questão mais importante na análise da personagem negra-mãe Susana, é a escravidão. Maria Firmina dos Reis dá voz à escravizada, fazendo que esta revele ao leitor o lado desumano da instituição escravista. Susana afirma, inclusive que “tudo me obrigaram os bárbaros a deixar!” (REIS, 2004, p. 115), o que inverte o discurso em que o negro africano é mostrado como bárbaro e o branco europeu como civilizado. Na verdade, durante a narrativa,

esses papéis se invertem constantemente. Assim, o comendador Fernando P... nos é mostrado como um homem insensível, violento, pois

[...] coração de tigre é o seu! Gelei de horror ao aspecto dos meus irmãos... os tratos, por que passaram, doeram-me até o fundo do coração! O comendador P... derramava sem se horrorizar o sangue dos desgraçados negros por uma leve negligência! E eu sofri com resignação todos os tratos que se dava a meus irmãos, e tão rigorosos como os que eles sentiam. E eu também os sofri, como eles, e muitas vezes com a mais cruel injustiça (REIS, 2004, p.118).

Susana é defensora da justiça, da honra, da verdade. Ela é a voz da escritora, que clamava por igualdade, que via negros e brancos como irmãos, pois esta seria a verdadeira interpretação bíblica: “Senhor Deus! quando colocará no peito o homem a tua sublime máxima – **ama a teu próximo como a ti mesmo** -, e deixará de oprimir com tão repreensível injustiça ao seu semelhante!... aquele que também era livre no seu país... aquele que é seu irmão?!” (REIS, 2004, p.23, grifo nosso). A mesma palavra sagrada, a bíblica, era utilizada e interpretada, desde o início da escravização do negro africano, como instrumento de justificativa para escravidão, a partir da “maldição de Caim” e da “maldição de Cam”.<sup>6</sup>

O que se pode perceber na passagem acima é que Susana, ao contrário de Fernando P..., via com horror a crueldade com que seus irmãos escravizados eram tratados. Fernando nos é apresentado como um homem frio, sem sentimentos, sem emoções, que representa o discurso dominante da época, que via o escravizado como um objeto. Porém, a personagem se apresenta como ser humano, em carne, osso, coração, que sente, pensa, reflete sobre sua situação. Enfim, como uma pessoa civilizada, contrariando os estereótipos da primeira metade do século XIX, que viam a dicotomia branco x negro como sinônimo de civilização x barbárie, respectivamente.

É Susana quem contará ao leitor como era uma viagem a bordo de um navio negreiro, cruzando o Atlântico, saindo da África e chegando às terras brasileiras:

*Vou contar-te o meu cativeiro. Tinha chegado o tempo da colheita, e o milho e o inhame e o mendubim eram em abundância nas nossas roças. Era um destes dias em que a natureza parece entregar-se toda a brados folgares, era uma manhã risonha, e bela, como o rosto de um infante, entretanto eu tinha um peso no coração. Sim, eu estava triste, e não sabia a que atribuir minha tristeza. Era a primeira vez que me afligia tão incompreensível pesar. Minha filha sorria-se para mim, era ela gentilzinha, e em sua inocência semelhava um anjo. Desgraçada de mim! Deixei-a nos braços de minha mãe, e fui-me à roça colher milho. Ah! Nunca mais devia eu vê-*

---

<sup>6</sup> A maldição é contada no Livro da Gênesis, no Antigo Testamento. Noé teria ficado nu ao se embebedar com vinho e Cam (filho mais novo), ao ver o pai naquelas condições, riu-se e contou a seus outros irmãos, Sem e Jafé. Noé, ao invés de amaldiçoar o filho, lançou sua indignação ao neto, Canaã. Há interpretações que contam ainda, que Cam tenha se casado com alguém da linhagem de Caim, também amaldiçoado por Deus com uma marca negra, após matar seu irmão Abel. Por fim, a interpretação afirmava que ficou com a pele negra, por castigo, o que simbolizaria sua descendência, que deveria ser escravizada.

*la... [...] Meteram-em a mim e a mais trezentos companheiros de infortúnio e de cativeiro no estreito e infecto porão de um navio. [...] É horrível lembrar que criaturas humanas tratem a seus semelhantes assim e que não lhes doa a consciência de leva-los à sepultura asfixiados e famintos! (REIS, 2004, p. 116-117, grifos nossos).*

A personagem, como mulher, reproduz o discurso sobre as mulheres de sua época, não importa se mulher negra ou branca, as mulheres corretas sempre são anjos, como sua filha, inocente e angelical. Quanto mais próximas da inocência, mais perto do ideal celeste estão as mulheres da primeira metade do século XIX. Por outro lado a personagem não concorda com a forma como seus irmãos escravizados são tratados e lança a reflexão ao leitor: como criaturas humanas (os brancos) podem tratar seus semelhantes (os negros) de forma tão horrível? A personagem não se vê como inferior ao branco europeu, em sua visão não há diferença além da biológica (fenotípica), pois ambos fazem parte da mesma raça, a humana e são irmãos, pois foram criados pelo mesmo Deus cristão.

Mas Susana não é apenas mãe de uma filha que foi obrigada a abandonar. Ela é a mãe de criação de Túlio, outro escravo de Luísa B... que é alforriado no decorrer da narrativa por Tancredo, como uma demonstração de consideração, de respeito ao homem que lhe havia salvado a vida. E como mãe, mesmo de criação, Susana se preocupa com a felicidade de Túlio, quando o jovem decide ir embora com Tancredo. Além disso, como o que ocorre na despedida da mãe de Tancredo quando seu filho parte para trabalhar e passar um ano inteiro longe, Susana chora a partida de seu filho Túlio:

*A velha sentiu-o, e duas lágrimas de sincero enterneçimento desceram-lhe pela face: ergueu então seus olhos vermelhos de pranto, e arrancou a mão com brandura e elevando-a sobre a cabeça do jovem negro, disse-lhe tocada de gratidão: - Vai, meu filho! Que o Senhor guie os teus passos, e te abençoe, como eu te abençoo (REIS, 2004, p.119).*

E como mãe Susana não pode impedir a partida de um filho homem, pois os homens são criados, de acordo com as representações sociais do período, para viverem por conta própria, para terem uma vida pública, fora de casa, ela só pode chorar, pois as mulheres estavam do lado do sentimento, da emoção. O homem cresce, amadurece quando sai de casa para viver por suas próprias escolhas, e a mulher apenas quando se casa.

Susana tem uma alma nobre, ela é uma mulher de comportamento adequado, não importando aqui a cor de sua pele. E, sendo uma mulher correta, merece ser respeitada. Tal como Tancredo que se ajoelhou frente à mãe santa, Túlio “ajoelhou-se respeitoso ante tão profundo sentir: tomou as mãos secas, e enrugadas da africana, e nelas depositou um beijo” (REIS, 2004, p. 119).

Seu amor materno, *natural*, independentemente de ser para com a filha biológica, ou para com o filho de criação, é forte, um exemplo disso é quando Túlio ainda é criança e pergunta sempre pela mãe; o rapaz conta que “mãe Susana, que chorava enquanto eu cuidava dos meus brinquedos, sorria-se quando me via, e procurava fazer-me esquecer minha mãe e seus afagos” (REIS, 2004, p. 169). O amor materno busca a felicidade incondicional do filho, por isso, a mãe é capaz de suportar as piores dores, inclusive as da separação e da morte, para ver a criança amada feliz. A mulher-mãe é desprendida, dessa forma, de desejos egoístas, pois sua felicidade reside na felicidade dos filhos, não importando uma alegria particular para si mesma.

O destino de Susana é morrer pelas mãos do comendador Fernando P..., que a culpa de ajudar Úrsula a fugir com Tancredo. Fernando manda dois capangas à busca de Susana que, quando é levada ao encontro do comendador, “não vinha atada à cauda de um cavalo, caminhava com a fronte erguida, e com a tranquilidade do que não teme: porque é justo” (REIS, 2004, p. 187). Nesse final da escravizada, o próprio feitor do comendador, não concordando mais com o comportamento violento do patrão, pede a Susana que fuja, mas a mulher afirma que “o céu vos pague tão generoso empenho; mas os que estão inocentes não fogem” (REIS, 2004, p. 187). A escravizada, como representante da mulher de boa índole, não precisa fugir, pois não teme o castigo, nem a morte. Susana vai ao encontro do comendador, recitando o salmo bíblico 138. Ela viveu uma vida correta e honesta, e os justos não temem a morte, pois têm a consciência de que uma vida eterna pós-morte os aguarda no Paraíso.

A morte aparece na narrativa firminiana como a libertação plena, como sinônimo de redenção, de salvação, de desligamento de uma vida mundana, imperfeita, limitada, castradora e cheia de desigualdades. Por esse motivo, as personagens corretas, tanto as mulheres, como a mãe de Tancredo, Luísa B..., mãe Susana e a própria Úrsula, têm como final a morte. Além dos personagens homens, Tancredo e Túlio. Todos bons, todos *mocinhos*. Ao contrário, os antagonistas do romance não têm direito a se libertarem. Adelaide continua viva e Fernando P... só morre muito tempo depois, mesmo assim, sofrendo e não se redimindo de seus pecados. O fim deles é diferente, eles merecem viver nesse mundo que aprisiona, que sufoca, remoendo os acontecimentos de suas vidas, sendo infelizes. E, no caso do comendador, sua morte não o salva, ao contrário, o leva para o Inferno, símbolo do castigo divino eterno.

O romance *Úrsula* é publicado em 1859, dez anos antes de *Navio Negreiro* de Castro Alves (1869). A narrativa firminiana, no que tange a questão da escravidão, aborda o tema a partir de uma perspectiva crítica, vendo o escravizado africano de forma humanizada.

A narradora de *Úrsula* chama a atenção do leitor sobre os sofrimentos da escravidão negra quando ao afirmar que “coitado do escravo! Nem o direito de arrancar do imo peito um queixume de amargurada dor!” (REIS, 2004, p. 22), ou, mais adiante quando escreve:

*Senhor Deus! Quando calará no peito do homem a tua sublime máxima – ama a teu próximo como a ti mesmo –, e deixará de oprimir com tão repreensível injustiça ao seu semelhante!... a aquele que também era livre no seu país... aquele que é seu irmão?!* (REIS, 2004, p. 23).

Por fim, o que notamos na narrativa firminiana é a busca em igualar raças que desde o início da colonização portuguesa sobre o Brasil e a partir de vários discursos<sup>7</sup>, são entendidas e justificadas como diferentes. Muitas das características de boa índole, bom caráter e personalidade das pessoas de bem – geralmente associadas exclusivamente às personagens brancas –, estão presentes, por exemplo, tanto no personagem (branco) Tancredo, quanto em Túlio (negro escravizado) e em Gabriel (também escravizado), um jovem humilde e filho abnegado de bom coração. É através da voz da escrava Susana, que Firmina revela os horrores da escravidão e a necessidade de findá-la.

Susana conta ao leitor sobre suas dores, sua amargura, seu sofrimento. Porém, também revela sua natureza humilde, sua boa índole, seu bom coração, seu caráter de bem; características sempre atribuídas aos personagens brancos nos romances brasileiros, ou, durante o período do indianismo, aos personagens indígenas.

A novidade no romance de Maria Firmina dos Reis está em sua demonstração com a história dos escravizados, falando-nos sobre suas vidas em África, antes de se tornarem cativos, mostrando-nos como eram felizes quando estavam livres em sua terra, com suas famílias. Firmina dá voz ao escravizado para que possa contar sua própria história, mostrando ao leitor que esse ser, considerado amaldiçoado e tratado como um objeto, também era um ser humano, um indivíduo com história, sentimentos e caráter.

## BIBLIOGRAFIA

BLAKE, Sacramento. *Dicionário Bibliográfico Brasileiro*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1900.

BORGE, Jorge Luís. *O fazedor*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

---

<sup>7</sup> Além do discurso cristão, baseado na maldição de Cam, havia também o científico, referenciado em obras como: *A desigualdade das raças humanas* (1853), de Arthur de Gobineau, *A origem das espécies* (1859), de Charles Darwin, teoria da evolução das espécies, que acabou gerando outros tipos de evolucionismos, como o *histórico*, representado pelo positivismo de Comte, e o *antropológico* na teoria de Lewis H. Morgan (1877), segundo a qual a humanidade passaria necessariamente por três etapas progressivas: selvageria, barbárie e civilização. Assim, os índios estariam na selvageria, os africanos na barbárie e os europeus seriam representantes da civilização.

PINSKY, Carla Bassanezi (org.); DE LUCA, Tania Regina (org.). *O historiador e suas fontes*. São Paulo: Editora Contexto, 2009.

CARVALHO, Cláunísio Amorim. *Imagens do negro na literatura brasileira do século XIX: uma análise do romance Úrsula*, de Maria Firmina dos Reis. Ciências Humanas em Revista: São Luís, V. 4, n.2, dezembro 2006.

DUARTE, Constância Lima. Apontamentos para uma história da educação feminina no Brasil - século XIX. In: DUART, C. L. et al (Orgs.). *Gênero e Representação: teoria, história e crítica*. Belo Horizonte: FALE-UFMG, 2000, p. 273-282.

FORTES, Luiz R. Salinas. *O bom selvagem*. São Paulo: FTD, 1997.

GOTLIB, Nádia Battella. A literatura feita por mulheres no Brasil. In: BRANDÃO, Isabel & MUZART, Zahidé L. (Orgs.) *Refazendo nós*. Florianópolis: Editora Mulheres; Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2003, p. 19-72.

KARNAL, Leandro; TATSCH, Flavia Galli. A memória evanescente. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org.); DE LUCA, Tania Regina (org.). *O historiador e suas fontes*. São Paulo: Editora Contexto, 2009.

MENESES, Raimundo de. *Dicionário literário brasileiro*. Prefácio de Antônio Cândido; apresentação de José Ederaldo Castello. 2 ed. ver. aum. e atualizada. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1978, p. 570-571.

MORAES FILHO, José Nascimento. *Maria Firmina, fragmentos de uma vida*. São Luís: COCSN, 1975.

MUZART, Zahidé Lupinacci. Maria Firmina dos Reis. In: MUZART, Z. L. (Org.). *Escritoras Brasileiras do século XIX*. Florianópolis: Editora Mulheres, 2000, p. 264- 284.

REIS, Maria Firmina dos. *Úrsula*. Florianópolis: Editora Mulheres; Belo Horizonte: PUC Minas, 2004. 288 p.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. *Discurso sobre a origem e os fundamentos das desigualdades entre os homens*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

\_\_\_\_\_. *Emílio ou da educação*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995. 592 p.

TELLES, Norma. Escritoras, escritas e escrituras. In: PRIORE, Mary Del. *História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Editora Contexto, 2010.